

O MAR DE FERRO

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO - VOL 8

GEORGE
✻ R.R. ✻
MARTIN

- tradução de -



JAIME

— Esperava que por esta altura já te tivesses fartado dessa deplorável barba. Todos esses pêlos deixam-te parecido com o Robert. — A irmã pusera de lado o luto em prol de um vestido cor de jade com mangas de renda de Myr prateada. Uma esmeralda do tamanho de um ovo de pombo pendia-lhe do pescoço num fio de ouro.

— A barba de Robert era preta. A minha é dourada.

— Dourada? Ou prateada? — Cersei arrancou um pêlo de debaixo do seu queixo e ergueu-o. Era grisalho. — Estás a perder a cor, irmão. Transformaste-te num fantasma do que eras, numa coisa pálida e aleijada. E tão exangue, sempre de branco. — Desembaraçou-se do pêlo com um piparote. — Prefiro-te vestido de ouro e carmesim.

Eu prefiro-te sarapintada de luz do sol, com gotículas de água na pele nua. Desejava beijá-la, levá-la para o quarto, atirá-la para a cama... ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e o Rapaz Lua...

— Vou propor-te um negócio. Liberta-me deste dever, e a minha navalha está às tuas ordens.

A boca dela apertou-se. Tinha estado a beber vinho quente com especiarias e cheirava a noz-moscada.

— Ousas regatear comigo? Terei de te lembrar que juraste obedecer?

— Jurei proteger o rei. O meu lugar é a seu lado.

— O teu lugar é onde quer que ele te ordene que estejas.

— Tommen põe o selo em todos os papéis que tu pões na sua frente. Isto é obra tua e é uma loucura. Para quê nomear Daven o teu Protector do Oeste se não tens confiança nele?

Cersei sentou-se junto à janela. Por trás dela, Jaime conseguia ver as ruínas enegrecidas da Torre da Mão.

— Porquê tanta relutância, sor? Perdestes a coragem com a mão?

— Prestei um juramento à Senhora Stark de nunca mais pegar em armas contra os Stark ou os Tully.

— Uma promessa de bêbado feita com uma espada na garganta.

— Como poderei defender Tommen se não estiver com ele?

— Derrotando os seus inimigos. O pai sempre disse que um golpe rápido de espada é uma defesa melhor do que qualquer escudo. Admito que a maior parte dos golpes de espada precisam de uma mão. Apesar disso,

até um leão mutilado pode inspirar medo. Quero Correrrio. Quero Brynden Tully agrilhado ou morto. E alguém tem de pôr Harrenhal nos eixos. Temos necessidade urgente de Wylis Manderly, assumindo que ainda está vivo e cativo, mas a guarnição não respondeu a nenhum dos nossos corvos.

— Quem está em Harrenhal são homens de Gregor — fez-lhe lembrar Jaime. — A Montanha gostava deles cruéis e estúpidos. O mais provável é que tenham comido os teus corvos, com mensagens e tudo.

— É por isso que te estou a mandar lá. Podem comer-te também, valente irmão, mas confio que lhes causes indigestão. — Cersei alisou a saia. — Quero que seja Sor Osmund a comandar a Guarda Real na tua ausência.

... *ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e o Rapaz Lua, tanto quanto sei...*

— Essa escolha não te pertence. Se eu tiver de ir, Sor Loras ficará aqui ao comando em meu nome.

— Isso é algum gracejo? Sabes o que eu sinto por Sor Loras.

— Se não tivesses mandado Balon Swann para Dorne...

— Preciso dele lá. Os dorneses não são dignos de confiança. Aquela serpente vermelha foi campeão de Tyrion, esqueceste-te disso? Não deixarei a minha filha à mercê deles. E *não* terei Sor Loras ao comando da Guarda Real.

— Sor Loras é três vezes melhor homem do que Sor Osmund.

— As tuas noções de virilidade mudaram um pouco, irmão.

Jaime sentiu a ira a aumentar.

— É verdade, Loras não te olha para as tetas como Sor Osmund, mas não penso...

— Pensa nisto. — Cersei esbofeteou-o.

Jaime não fez qualquer esforço para bloquear o golpe.

— Estou a ver que vou precisar de uma barba mais espessa, para me proteger das carícias da minha rainha. — Desejava arrancar-lhe o vestido e transformar-lhe os golpes em beijos. Já antes o fizera, na época em que tinha duas mãos.

Os olhos da rainha eram gelo verde.

— É melhor que vos vades embora, sor.

... *Lancel, Osmund Kettleblack, e o Rapaz Lua...*

— Além de mutilado, sois surdo? Encontrareis a porta atrás de vós, sor.

— Às vossas ordens. — Jaime girou nos calcanhares e deixou-a.

Algures, os deuses estavam a rir. Cersei nunca aceitara de bom grado ser contrariada, ele *sabia* disso. Palavras mais suaves poderiam tê-la feito mudar de ideias, mas nos últimos tempos bastava vê-la para se sentir irritado.

Parte de si ficaria contente por pôr Porto Real atrás das costas. Em nada lhe agradava a companhia dos lambe-botas e dos tolos que rodeavam Cersei. “O mais pequeno conselho” era como lhes andavam a chamar no Fundo das Pulgas, de acordo com Addam Marbrand. E Qyburn... podia ter salvo a vida de Jaime, mas não deixava de ser um Saltimbanco Sangrento.

— Qyburn fede a segredos — dissera a Cersei, num aviso. Isso limitara-se a fazê-la rir.

— Todos nós temos segredos, irmão — respondera.

... *ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei...*

Quarenta cavaleiros e outros tantos escudeiros esperavam-no à porta dos estábulos da Fortaleza Vermelha. Metade eram ocidentais ajuramentados à Casa Lannister, os outros inimigos recentes transformados em amigos duvidosos. Sor Dermot da Mata de Chuva levaria o estandarte de Tommen, o Ronnet Vermelho Connington a bandeira branca da Guarda Real. Um Paege, um Piper, e um Peckledon partilhariam a honra de servir o Senhor Comandante como escudeiros.

— Mantém os amigos atrás de ti e os inimigos onde os possas ver — aconselhara-o um dia Sumner Crakehall. Ou teria sido o pai?

O seu palafrém era um baio sanguíneo, e o corcel de batalha um magnífico garanhão cinzento. Tinham-se passado longos anos desde a última vez que Jaime dera nomes a qualquer um dos seus cavalos; vira muitos morrer em batalha, e isso tornava-se mais duro quando lhes eram dados nomes. Mas quando o rapaz Piper começou a chamar-lhes Honra e Glória, riu-se e deixou que os nomes pegassem. Glória usava arreios do carmim Lannister; Honra estava ajaezado com o branco da Guarda Real. Josmyn Peckledon segurou nas rédeas do palafrém quando Sor Jaime montou. O escudeiro era magro como uma lança, com longos braços e pernas, um cabelo oleoso de um castanho de rato, e bochechas cobertas por uma suave penugem de pêssego. O seu manto ostentava o carmim Lannister, mas o sobretudo mostrava as dez moletas púrpura da sua Casa, dispostas em fundo de amarelo.

— Senhor — perguntou o rapaz — querereis a vossa nova mão?

— Usai-a, Jaime — instou Sor Kennos de Kayce. — Acenai aos plebeus e dai-lhes algo para contar aos filhos.

— Penso que não. — Jaime não queria mostrar à multidão uma mentira dourada. *Que vejam o coto. Que vejam o aleijado.* — Mas ficai à vontade para compensar a minha falta, Sor Kennos. Acenai com ambas as mãos e sacudi os pés, se vos aprouver. — Pegou nas rédeas com a mão esquerda e deu meia-volta ao cavalo. — Payne — chamou enquanto os outros formavam — seguireis a meu lado.

Sor Ilyn Payne abriu caminho até junto de Jaime, parecendo um pedinte num baile. A sua cota de malha estava velha e enferrujada, e era usada sobre uma jaqueta manchada de couro fervido. Nem o homem nem a sua montada ostentavam símbolos heráldicos; o escudo estava tão amolgado e fendido que era difícil dizer de que cor teria sido a tinta que em tempos o cobrira. Com a sua cara severa e olhos vazios e encovados, Sor Ilyn podia ter passado pela própria morte... e fora o que fizera, durante anos.

Mas já não. Sor Ilyn constituíra metade do preço de Jaime por engolir a ordem do seu rei rapaz como um bom Menino Comandante. A outra metade fora Sor Addam Marbrand.

— Preciso deles — dissera à irmã, e Cersei não resistira. *O mais certo é estar satisfeita por se livrar deles.* Sor Addam era amigo de infância de Jaime, e o carrasco silencioso fora um homem do pai de ambos, se é que era homem de alguém. Payne fora capitão da guarda da Mão quando alguém o ouvira numa vanglória de que era o Lorde Tywin quem governava os Sete Reinos e dizia ao Rei Aerys o que fazer. Aerys Targaryen cortara-lhe a língua por isso.

— Abri os portões — disse Jaime, e o Varrão-Forte, com a sua voz trovejante, gritou:

— *ABRI OS PORTÕES!*

Quando Mace Tyrell se pusera em marcha através do Portão da Lama ao som de tambores e rabecas, milhares de pessoas encheram as ruas para o aclamar. Rapazinhos tinham-se juntado à marcha, caminhando ao lado dos soldados Tyrell com cabeças erguidas e elevando bem as pernas, enquanto as irmãs desses rapazes atiravam beijos das janelas.

Mas naquele dia era diferente. Algumas rameiras gritavam convites à passagem dos homens, e um vendedor de pastéis de carne apregoava a mercadoria. Na Praça do Sapateiro dois pardais esfarrapados estavam a arengar perante várias centenas de plebeus, clamando pela danação de homens sem deus e adoradores de demónios. A multidão abriu alas para deixar passar a coluna. Tanto pardais como sapateiros os observaram com olhos carregados.

— Gostam do cheiro das rosas mas não sentem amizade pelos leões — observou Jaime. — A minha irmã faria bem em tomar nota disso. — Sor Ilyn não lhe deu resposta. *O companheiro perfeito para uma longa cavalgada. Vou apreciar a sua companhia.*

A maior parte das suas tropas esperava-o para lá das muralhas da cidade; Sor Addam Marbrand com os seus batedores, Sor Steffon Swyft e o comboio logístico, a Santa Centena do velho Sor Bonifer, o Bom, os arqueiros a cavalo de Sarsfield, o Mestre Gulian com quatro gaiolas cheias de corvos, duas centenas de cavaleiros pesados sob o comando de Sor Flement

Brax. Somando tudo, não era uma grande hoste; menos de mil homens ao todo. Um grande número era a última coisa necessária em Correrrio. Um exército Lannister já investia sobre o castelo, bem como uma força ainda maior dos Frey; a última ave que tinham recebido sugeria que os sitiados estavam a ter dificuldades em manterem-se alimentados. Brynden Tully deixara o terreno limpo antes de retirar para o interior das suas muralhas.

Não que precisasse de grande limpeza. Pelo que Jaime vira das terras fluviais, quase não havia campo de cultivo que permanecesse por queimar, vila por saquear e donzela por espoliar. *E agora a minha querida irmã manda-me acabar o trabalho que Amory Lorch e Gregor Clegane começaram.* Aquilo deixava-lhe um sabor amargo na boca.

Tão perto de Porto Real, a Estrada do Rei era tão segura como qualquer estrada podia ser em tempos como aqueles, mas Jaime enviou na mesma Marbrand e os seus batedores em frente.

— Robb Stark apanhou-me desprevenido no Bosque dos Murmúrios — disse. — Isso nunca mais voltará a acontecer.

— Tendes a minha palavra quanto a isso. — Marbrand parecia visivelmente aliviado por estar de novo a cavalo, usando o manto de um cinzento fumarento da sua Casa em vez da lã dourada da Patrulha da Cidade. — Se algum inimigo se aproximar mais do que uma dúzia de léguas, ficai a saber sobre ele de antemão.

Jaime ordenara severamente que nenhum homem se devia afastar da coluna sem a sua licença. Se assim não fosse, sabia que teria jovens fidalgoes aborrecidos a fazer corridas pelos campos, espalhando gado e espeznhando as culturas. Ainda se viam vacas e ovelhas perto da cidade; maçãs nas árvores e bagas nos arbustos, searas de cevada, aveia e trigo de Inverno, carroças e carros de bois na estrada. Mais adiante, as coisas não seriam tão rosadas.

Avançando à frente da hoste com Sor Ilyn silencioso a seu lado, Jaime sentiu-se quase satisfeito. O sol estava quente nas suas costas e o vento afagava-lhe o cabelo como os dedos de uma mulher. Quando o Lew Pequeno Piper se aproximou a galope com um elmo cheio de amoras silvestres, Jaime comeu uma mão-cheia e disse ao rapaz para partilhar o resto com os outros escudeiros e Sor Ilyn Payne.

Payne parecia tão confortável no seu silêncio como na sua cota de malha ferrugenta e couro fervido. O ruído dos cascos do seu castrado e o chocalhar da espada na bainha sempre que se movia na sela eram os únicos sons que emitia. Embora a sua cara marcada pelas bexigas fosse severa e os seus olhos frios como gelo num lago de Inverno, Jaime sentia que o homem estava satisfeito por ter vindo. *Dei-lhe uma escolha*, recordou a si próprio. *Ele podia ter-me dito que não e continuado como magistrado do rei.*

A nomeação de Sor Ilyn fora um presente de casamento de Robert Baratheon para o pai da sua noiva, uma sinecura para compensar Payne pela língua que perdera ao serviço da Casa Lannister. Ele dava um magnífico carrasco. Nunca estragara uma execução, e raramente precisava de um segundo golpe. E havia algo no seu silêncio que inspirava terror. Raramente tinha um magistrado do rei parecido ser tão adequado ao seu cargo.

Quando Jaime decidiu levá-lo consigo, procurara os aposentos de Sor Ilyn, na ponta do Passeio do Traidor. O andar superior da torre atarracada e semicircular estava dividido em celas para prisioneiros que precisassem de algum grau de conforto, cavaleiros cativos ou fidalgos à espera de resgate ou troca. A entrada para as masmorras propriamente ditas ficava ao nível do chão, atrás de uma porta de ferro martelado e de uma segunda porta de madeira cinzenta e lascada. Nos andares intermédios ficavam quartos guardados para o uso do Carcereiro-Chefe, para o Senhor Confessor e para o Magistrado do Rei. O Magistrado era um carrasco, mas por tradição estava também encarregue das masmorras e dos homens que nelas trabalhavam.

E Sor Ilyn Payne era singularmente pouco adequado para essa tarefa. Como não sabia ler nem escrever, e não podia falar, Sor Ilyn deixara o governo das masmorras aos seus subordinados, fossem eles quem fossem. Porém, o reino não tinha um Senhor Confessor desde o segundo Daeron, e o último Carcereiro-Chefe fora um mercador de tecidos que comprara o cargo ao Mindinho durante o reinado de Robert. Sem dúvida que teve um bom lucro com ele durante alguns anos, até cometer o erro de conspirar com mais alguns palermas ricos para entregar o trono a Stannis. Chamavam a si próprios “Homens Chifrudos”, e Joff pregara-lhe hastes à cabeça antes de os atirar por cima das muralhas da cidade. Portanto recaíra em Rennifer Longwaters, o chefe dos carcereiros de segunda de costas tortas que afirmava com entediante abundância de pormenores ter em si uma “gota de dragão”, a tarefa de destrancar as portas das masmorras para Jaime entrar e conduzi-lo pelos estreitos degraus que subiam por dentro das paredes até ao local onde Ilyn Payne vivera durante quinze anos.

Os aposentos fediam a comida apodrecida, e as esteiras estavam cobertas de bicharada. Quando Jaime entrou, quase pisou uma ratazana. A espada longa de Payne repousava sobre uma mesa de montar, ao lado de uma pedra de amolar e de um oleado sebento. O aço mostrava-se imaculado, com o gume a cintilar, azul, à luz pálida, mas noutros pontos havia pilhas de roupa suja espalhadas pelo chão, e os bocados de cota de malha e armadura espalhados por aqui e por ali estavam rubros de ferrugem. Jaime não conseguiu contar os jarros de vinho quebrados. *O homem não tem interesse por nada além de matar*, pensou, no momento em que Sor Ilyn emergia de um quarto que fedia a penicos a transbordar.

— Sua Graça pede-me que lhe reconquiste as terras fluviais — disse-lhe Jaime. — Gostaria de vos ter comigo... caso consigais aguentar a ideia de desistir de tudo isto.

A sua resposta foi o silêncio, e um longo olhar sem pestanejar. Mas no momento em que se preparava para se virar e ir-se embora, Payne fizera-lhe um aceno. *E aqui vem ele.* Jaime deitou um relance ao seu companheiro. *Talvez ainda haja esperança para ambos.*

Nessa noite acamparam à sombra do castelo dos Hayford, que se erguia no cume de uma colina. Enquanto o sol descia, uma centena de tendas brotou na base da colina, ao longo das margens do ribeiro que corria junto a ela. Foi o próprio Jaime a posicionar as sentinelas. Não esperava problemas tão perto da cidade, mas o tio Stafford também se julgara um dia em segurança em Cruzaboi. Era melhor não correr riscos.

Quando o convite para jantar com o castelão da Senhora Hayford desceu do castelo, Jaime levou consigo Sor Ilyn, bem como Sor Addam Marbrand, Sor Bonifer Hasty, o Ronnet Vermelho Connington, o Varrão Forte e uma dúzia de outros cavaleiros e fidalgos.

— Suponho que devia usar a mão — disse a Peck antes de iniciar a subida.

O rapaz foi imediatamente buscá-la. A mão era esculpida em ouro, muito semelhante a uma mão verdadeira, com unhas de madrepérola nela embutidas e os dedos e polegar meio fechados, a fim de poder com eles rodear a haste de um cálice. *Não posso lutar, mas posso beber,* reflectiu Jaime enquanto o rapaz apertava as correias que lhe prendiam a mão ao coto.

— Deste dia em diante, os homens chamar-vos-ão Mão-d'Ouro, senhor — assegurara-lhe o armeiro da primeira vez que a encaixara no pulso de Jaime. *Enganava-se. Serei Regicida até morrer.*

A mão de ouro foi motivo de muitos comentários de admiração durante o jantar, pelo menos até Jaime derrubar um cálice de vinho. Então foi dominado pelo mau génio.

— Se admirais assim tanto esta maldita coisa, cortai a mão da espada e podeis ficar com ela — disse a Flement Brax. Depois daquilo não houve mais conversas acerca da mão, e logrou beber em paz um pouco de vinho.

A senhora do castelo era uma Lannister pelo casamento, uma bebé rechonchuda que fora casada com Tyrek, primo de Jaime, antes de completar um ano. A Senhora Ermesande foi trazida para a aprovação do grupo, como era próprio, toda entrouxada num pequeno vestido de pano de ouro com o fretado verde e a pala ondeada verde da Casa Hayford desenhados com minúsculas contas de jade. Mas a rapariga depressa começou a guinchar, após o que foi rapidamente enxotada para a cama pela ama-de-leite.

— Não houve notícias do nosso Senhor Tyrek? — perguntou o seu castelão enquanto era servido um prato de truta.

— Nenhuma. — Tyrek Lannister desaparecera durante os tumultos em Porto Real, enquanto Jaime estava cativo em Correrrio. O rapaz teria catorze anos por aquela altura, assumindo que ainda estava vivo.

— Eu próprio liderei uma busca, por ordens do Lorde Tywin — interveio Addam Marbrand enquanto tirava as espinhas ao seu peixe — mas não descobri mais do que o Bywater antes de mim. O rapaz foi visto pela última vez a cavalo, quando a pressão da turba quebrou a linha de homens de mantos dourados. Depois disso... bem, o seu palafrém foi encontrado, mas o cavaleiro não. O mais certo é terem-no derrubado e morto. Mas se assim foi, onde está o corpo? A multidão deixou os outros cadáveres no local, porque não o dele?

— Ele teria sido mais valioso vivo — sugeriu o Varrão Forte. — Qualquer Lannister traria um robusto resgate.

— Sem dúvida — concordou Marbrand — e no entanto nunca houve um pedido de resgate. O rapaz simplesmente desapareceu.

— O rapaz está morto. — Jaime bebera três taças de vinho e a sua mão dourada parecia ir-se tornando mais pesada e desajeitada a olhos vistos. *Um gancho servir-me-ia igualmente bem.* — Se compreenderam quem mataram, sem dúvida que o atiraram ao rio com medo da ira do meu pai. Em Porto Real conhecem o sabor que ela tinha. O Lorde Tywin sempre pagou as suas dívidas.

— Sempre — concordou o Varrão Forte, e isso foi o fim da conversa.

Mas mais tarde, sozinho no quarto de torre que lhe fora oferecido para a noite, Jaime deu por si com dúvidas. Tyrek servira o Rei Robert como escudeiro, ao lado de Lancel. O conhecimento podia ser mais valioso do que o ouro, mais mortífero do que um punhal. Foi em Varys que então pensou, sorrindo e cheirando a lavanda. O eunuco tinha agentes e informadores por toda a cidade. Seria coisa simples arranjar as coisas de forma a que Tyrek fosse capturado durante a confusão... desde que soubesse de antemão que era provável que a turba entrasse em tumulto. *E Varys sabia de tudo, ou pelo menos era nisso que gostava de nos fazer acreditar. Mas não deu qualquer aviso a Cersei acerca desse tumulto. Nem desceu aos navios para se despedir de Myrcella.*

Abriu as portadas. A noite estava a ficar fria, e uma lua cornuda cavalgava o céu. A sua mão brilhava, baça, à luz que ela deitava. *Não serve para esganar eunucos, mas é suficientemente pesada para transformar aquele sorriso viscoso numa bela ruína vermelha.* Queria bater em alguém.

Jaime foi encontrar Sor Ilyn a amolar a espada.

— Está na altura — disse ao homem. O carrasco ergueu-se e se-

guiu-o, arrastando as botas de couro rachado pelos íngremes degraus de pedra enquanto desciam a escada. Um pequeno pátio abria-se junto ao armeiro. Jaime encontrou aí dois escudos, dois meios-elmos e um par de espadas embotadas de torneio. Entregou uma a Payne e pegou na outra com a mão esquerda enquanto enfiava a direita nas presilhas do escudo. Os seus dedos de ouro eram suficientemente curvos para enganchar, mas não podiam agarrar, de modo que o seu controlo sobre o escudo era pouco firme. — Fostes em tempos um cavaleiro, sor — disse Jaime. — Eu também. Vejamos o que somos agora.

Sor Ilyn ergueu a lâmina em resposta, e Jaime atirou-se imediatamente ao ataque. Payne estava tão enferrujado como a sua cota de malha, e não era tão forte como Brienne, mas parou todos os golpes com a sua lâmina, ou interpôs o escudo. Dançaram sob o crescente de lua enquanto as espadas embotadas cantavam a sua canção de aço. O cavaleiro silencioso contentou-se por algum tempo em deixar que Jaime liderasse a dança, mas por fim começou a responder a cada golpe com um seu. Assim que passou ao ataque, atingiu Jaime na coxa, no ombro, no antebraço. Fez-lhe a cabeça ressoar por três vezes com golpes atirados ao elmo. Uma cutilada arrancou-lhe o escudo do braço direito, e quase rebentou as correias que prendiam a mão de ouro ao coto. Quando baixaram as espadas, Jaime estava cheio de nódoas negras e dorido, mas o vinho fora queimado e tinha a cabeça limpa.

— Voltaremos a dançar — prometeu a Sor Ilyn. — Amanhã, e no dia seguinte. Dançaremos todos os dias, até que eu seja tão bom com a mão esquerda como fui com a direita.

Sor Ilyn abriu a boca e soltou um som seco. *Uma gargalhada*, compreendeu Jaime. Algo retorceu-se-lhe nas tripas.

Ao chegar a manhã, nenhum dos outros teve a ousadia de fazer menção às suas nódoas negras. Ao que parecia, nem um ouvira o som das espadas na noite. Mas quando voltaram a descer dos cavalos para acampar, o Lew Pequeno Piper deu voz à pergunta que cavaleiros e fidalgos não se atreviam a colocar. Jaime sorriu-lhe.

— Na Casa Hayford têm moças cheias de luxúria. Isto são mordidas de amor, rapaz.

Outro dia luminoso e ventoso foi seguido por um enevoadado, e depois houve três dias de chuva. O vento e a água não tinham importância. A coluna manteve o ritmo, para norte ao longo da Estrada do Rei, e todas as noites Jaime encontrava algum local recatado para arranjar mais mordidas de amor. Lutaram dentro de um estábulo observados por uma mular zanolha, e na adega de uma estalagem entre os barris de vinho e cerveja. Lutaram na concha enegrecida de um grande celeiro de pedra, numa ilha

arborizada num ribeiro pouco profundo, e num campo aberto enquanto a chuva tamborilava suavemente nos seus elmos escudos.

Jaime arranjava desculpas para os seus devaneios nocturnos, mas não era insensato ao ponto de pensar que os outros acreditavam nelas. Addam Marbrand sabia certamente o que ele andava a fazer, e alguns dos seus outros capitães deviam suspeitar. Mas nenhum falou do assunto ao alcance dos seus ouvidos... e como à única testemunha faltava uma língua, não tinha de temer que alguém ficasse a saber exactamente quão inepto se tornara o Regicida com a espada.

Em breve se viam sinais da guerra por todo o lado. Ervas daninhas, espinheiros e matagais cresciam tão altos como a cabeça de um cavalo em campos onde o trigo de Outono devia estar a maturar, a Estrada do Rei estava despojada de viajantes, e lobos governavam o fatigado mundo do crepúsculo à alvorada. A maior parte dos animais era suficientemente cautelosa para manter a distância, mas um dos batedores de Marbrand viu o cavalo ser perseguido e morto quando desmontou para urinar.

— Nenhum animal teria tamanha ousadia — declarou Sor Bonifer, o Bom, com tristeza na cara austera. — Isto são demónios em pele de lobos, enviados para nos castigar pelos nossos pecados.

— Então este deve ter sido um cavalo invulgarmente pecador — disse Jaime, em pé junto ao que restava do pobre animal. Deu ordens para que o resto da carcaça fosse cortada e salgada; poderiam vir a precisar da carne.

Num lugar chamado Corno de Porca encontraram um velho e rijo cavaleiro chamado Sor Roger Hogg, que defendia teimosamente a sua torre com seis homens de armas, quatro besteiros e uma vintena de camponeses. Sor Roger era tão grande e hirsuto como um porco de engorda e Sor Kennos sugeriu que podia ser algum Crakehall perdido, visto que o símbolo deles era um varrão malhado. O Varrão Forte pareceu acreditar e passou uma intensa hora a interrogar Sor Roger acerca dos seus ancestrais.

Jaime estava mais interessado no que Hogg tinha a dizer sobre os lobos.

— Tivemos alguns problemas com um bando daqueles lobos da estrela branca — disse-lhe o velho cavaleiro. — Vieram por aí a farejar o vosso rasto, senhor, mas nós corremos com eles, e enterrámos três lá em baixo ao pé dos nabos. Antes deles houve um grupo de malditos leões, com a vossa licença. Aquele que os liderava tinha uma mantícora no escudo.

— Sor Amory Lorch — esclareceu Jaime. — O senhor meu pai ordenou-lhe que assolasse as terras fluviais.

— Às quais nós não pertencemos — disse resolutamente Sor Roger Hogg. — A minha lealdade é devida à Casa Hayford, e a Senhora Ermesande dobra o seu pequeno joelho a Porto Real, ou fá-lo-á assim que tenha

idade para andar. Eu disse-lhe isso, mas esse Lorch não era grande ouvinte. Matou metade das minhas ovelhas e três boas cabras leiteiras, e tentou assar-me na minha torre. Mas as minhas muralhas são de pedra sólida com dois metros e meio de espessura, de modo que depois do fogo se apagar foi-se embora aborrecido. Os lobos vieram depois, aqueles de quatro patas. Comeram as ovelhas que a mantícora me deixou. Fiquei com algumas boas peles como recompensa, mas peles não enchem a barriga de ninguém. O que devemos fazer, senhor?

— Plantai — disse Jaime — e rezai por uma última colheita. — Não era resposta prestável, mas era a única que podia dar.

No dia seguinte, a coluna atravessou o ribeiro que formava a fronteira entre as terras que deviam lealdade a Porto Real e aquelas obrigadas a Correrrio. O Mestre Gulian consultou um mapa e anunciou que aqueles montes pertenciam aos irmãos Wode, um par de cavaleiros com terras, ajuramentados a Harrenhal... mas os fortes *deles* tinham sido construídos de terra e madeira, e só restavam vigas enegrecidas.

Não apareceu nenhum Wode, nem nenhum dos seus plebeus, embora alguns fora-da-lei se tivessem abrigado na cave por baixo da fortaleza do segundo irmão. Um deles usava as ruínas de um manto carmesim, mas Jaime enforcou-o com os outros. Soube-lhe bem. Aquilo era justiça. *Habitua-te a isso, Lannister, e um dia os homens talvez te chamem Mão-d'Ouro, afinal. Mão-d'Ouro, o Justo.*

O mundo foi ficando mais cinzento à medida que se aproximavam de Harrenhal. Avançavam sob céus de ardósia, ao lado de águas que brilhavam, velhas e frias como uma folha de aço batido. Jaime deu por si a perguntar a si próprio se Brienne teria passado por ali antes dele. *Se ela pensou que Sansa Stark se dirigiu a Correrrio...* Caso tivessem encontrado outros viajantes, podia ter parado para perguntar se algum teria por acaso visto uma donzela bonita com cabelo ruivo, ou uma grande e feia com uma cara capaz de coalhar leite. Mas não havia nada nas estradas a não ser lobos, e os seus uivos não continham respostas.

As torres da loucura do Harren Negro surgiram por fim do outro lado das águas de peltre do lago, cinco dedos negros retorcidos, pedra deformada que se estendia para o céu. Embora o Mindinho tivesse sido nomeado Senhor de Harrenhal, parecia não ter grande pressa de ocupar os seus novos domínios, e assim coube a Jaime Lannister “pôr em ordem” Harrenhal a caminho de Correrrio.

Não duvidava de que o castelo necessitava de ser posto em ordem. Gregor Clegane arrancara o imenso e sombrio castelo aos Saltimbancos Sangrentos antes de Cersei o chamar a Porto Real. Sem dúvida que os homens da Montanha continuavam a chocalhar lá por dentro como outras

tantas ervilhas secas no interior de uma armadura, mas não eram os homens ideais para devolver o Tridente à paz do rei. A única paz que o bando de Sor Gregor alguma vez dera a alguém era a paz da sepultura.

Os batedores de Sor Addam tinham relatado que os portões de Harrenhal se encontravam fechados e trancados. Jaime enfileirou os seus homens à frente deles e ordenou a Sor Kennos de Kayce para fazer soar o Corno de Herrock, negro, retorcido e ligado com ouro velho.

Depois de três sopros terem ecoado nas muralhas, ouviram o gemido de dobradiças de ferro e os portões abriram-se lentamente. As muralhas da loucura do Harren Negro eram tão espessas que Jaime passou por baixo de uma dúzia de alçapões antes de emergir à súbita luz do sol no pátio onde dissera adeus aos Saltimbancos Sangrentos não havia assim tanto tempo como isso. Ervas daninhas brotavam da terra bem batida, e moscas zumbiam em volta da carcaça de um cavalo.

Uma mão-cheia dos homens de Sor Gregor emergiu das torres para o ver desmontar; homens de olhos e bocas duras, todos eles. *Tinham de ser, para acompanhar a Montanha.* O melhor que podia ser dito dos homens de Gregor era que não eram propriamente um bando tão vil e violento como os Bravos Companheiros.

— Que eu seja fodido, o Jaime Lannister — exclamou um homem de armas cinzento e grisalho. — É o raio do Regicida, rapazes. Que eu seja fodido com uma lança!

— E tu vens a ser quem? — perguntou Jaime.

— O Sor costumava chamar-me Boca de Merda, se aprouver ao s'nhor. — Cuspiu nas mãos e limpou a cara com elas, como se aquilo de algum modo o deixasse mais apresentável.

— Encantador. És tu quem comanda aqui?

— Eu? Não, merda. S'nhor. Que me enrabem com a porra duma lança. — O Boca de Merda tinha na barba migalhas suficientes para alimentar a guarnição. Jaime teve de se rir. O homem tomou aquilo como encorajamento. — Que me enrabem com a porra duma lança — voltou a dizer, e também se pôs a rir.

— Ouvistes o homem — disse Jaime a Ilyn Payne. — Arranjai uma boa e longa lança e enfiai-lha pelo cu acima.

Sor Ilyn não tinha uma lança, mas o Jon Imberbe Bettley atirou-lhe uma de bom grado. O riso ébrio do Boca de Merda parou abruptamente.

— Mantém a merda dessa coisa longe de mim.

— Vê se te decides — disse Jaime. — Quem tem aqui o comando? Sor Gregor nomeou um castelão?

— Polliver — disse outro homem — só que o Cão de Caça o matou, s'nhor. A ele e ao Cócegas, e àquele moço Sarsfield.

Outra vez o Cão de Caça.

— Sabes que foi Sandor? Viste-o?

— Nós não, s'nhor. O estalajadeiro disse-nos.

— Aconteceu na estalagem do entroncamento, senhor. — Quem falou foi um homem mais novo, com um matagal de cabelo cor de areia. Usava a corrente de moedas que em tempos pertencera a Vargo Hoat; moedas de meia centena de cidades distantes, de prata e ouro, de cobre e bronze, moedas quadradas e moedas redondas, triângulos e anéis e bocados de osso. — O estalajadeiro jurou que o homem tinha um lado da cara todo queimado. As rameiras dele contaram a mesma história. Sandor tinha um rapaz qualquer com ele, um moço esfarrapado do campo. Fizeram Polly e o Cócegas em bocados sangrentos e foram-se embora pelo Tridente abaixo.

— Mandastes homens atrás deles?

O Boca de Merda franziu o sobrolho, como se a ideia fosse dolorosa.

— Não, s'nhor. Que nos fodam a todos, não mandámos.

— Quando um cão enlouquece, corta-se-lhe a garganta.

— Bem — disse o homem, esfregando a boca — eu nunca gostei muito do Polly, esse merdas, e o cão, o gajo era irmão do Sor, de modo que...

— Nós somos maus, s'nhor — interrompeu o homem que usava as moedas — mas é preciso ser doido para enfrentar o Cão de Caça.

Jaime olhou-o de cima a baixo. *Mais ousado do que os outros, e não tão bêbado como o Boca de Merda.*

— Tivestes medo dele.

— Eu não diria *medo*, s'nhor. Diria que o 'távamos a deixar para homens melhores que nós. Para alguém como o Sor. Ou vós.

Eu, quando tinha duas mãos. Jaime não se iludia. Agora Sandor trataria dele em dois tempos.

— Tens nome?

— Rafford, se aprover. A maioria chama-me Raff.

— Raff, reúne a guarnição no Salão das Cem Lareiras. Os cativos também. Vou querer vê-los. Incluindo aquelas rameiras da encruzilhada. Oh, e Hoat. Fiquei perturbado quando soube que morreu. Gostava de ver a sua cabeça.

Quando lha trouxeram, descobriu que os lábios do Bode tinham sido cortados, tal como as orelhas e a maior parte do nariz. Os corvos tinham jantado os seus olhos. Mas ainda era possível reconhecer-se ali o Hoat. Jaime conheceria a sua barba em qualquer parte; uma absurda corda de pêlos com sessenta centímetros de comprimento, que pendia de um queixo pontiagudo. Além disso, só algumas fitas de pele com textura de couro ainda aderiam ao crânio do qohorik.

— Onde está o resto dele? — perguntou.

Ninguém lhe queria dizer. Por fim, o Boca de Merda baixou os olhos, e resmungou:

— Apodreceu, sor. E foi comido.

— Um dos cativos andava sempre a pedinchar comida — admitiu Rafford — de modo que o Sor disse para lhe dar bode assado. Mas o qohorik não tinha lá muita carne. O Sor cortou-lhe primeiro as mãos e os pés, depois os braços e as pernas.

— O panelheiro gordo ficou com a maior parte, s'nhor — esclareceu o Boca de Merda — mas o Sor disse para a gente tratar de que todos os cativos provassem um bocadinho. E o próprio Hoat também. Aquele filho da puta babava-se quando a gente lha dava de comer, e a gordura corria por aquela barba fininha que ele tinha.

Pai, pensou Jaime, *ambos os teus cães enlouqueceram*. Deu por si a recordar histórias que ouvira pela primeira vez em criança, no Rochedo Casterly, sobre a louca Senhora Lothston que se banhava em banheiras de sangue e presidia a banquetes de carne humana dentro daquelas mesmas muralhas.

De algum modo, a vingança perdera o sabor.

— Leva isto e deita-a ao lago. — Jaime atirou a cabeça de Hoat a Peck, e voltou-se para se dirigir à guarnição. — Até que o Lorde Petyr chegue para reclamar os seus domínios, Sor Bonifer Hasty controlará Harrenhal em nome da coroa. Aqueles de vós que o desejem podem juntar-se-lhe, se ele vos quiser. O resto seguirá comigo para Correrrio.

Os homens da Montanha olharam uns para os outros.

— Nós estamos à espera de pagamento — disse um. — Foi promessa do Sor. Ricas recompensas, disse ele.

— Foram as palavras dele — concordou o Boca de Merda. — *Ricas recompensas para quem seguir comigo*. — Uma dúzia de outros pôs-se a clamar o seu acordo.

Sor Bonifer ergueu uma mão enluvada.

— Qualquer homem que permaneça comigo terá uma jeira de terra para trabalhar, uma segunda jeira quando tomar esposa, uma terceira quando o seu primeiro filho nascer.

— Terra, sor? — O Boca de Merda cuspiu. — Cagando p'ra isso. Se quiséssemos fossar na porra da terra, bem podíamos ter ficado em casa, ou o raio, com a vossa licença, sor. *Ricas recompensas*, disse o Sor. Querendo dizer ouro.

— Se tiverdes motivo de queixa, ide a Porto Real e levai-a à minha querida irmã. — Jaime virou-se para Rafford. — Quero ver agora esses cativos. Começando por Sor Wylis Manderly.

— É o gordo? — perguntou Rafford.

— Espero piamente que sim. E não me conteis tristes histórias sobre como ele morreu, senão todo o vosso bando é capaz de fazer o mesmo.

Quaisquer esperanças que pudesse ter nutrido de encontrar Shagwell, Pyg ou Zollo a definhar nas masmorras foram tristemente desiludidas. Os Bravos Companheiros tinham abandonado Vargo Hoat até ao último homem, aparentemente. Do pessoal da Senhora Whent só restavam três: o cozinheiro que abrira a poterna a Sor Gregor, um armeiro corcunda chamado Ben Blackthumb, e uma rapariga chamada Pia, que já não era nem de perto tão bonita como fora da última vez que Jaime a vira. Alguém lhe quebrara o nariz e lhe fizera saltar metade dos dentes. A rapariga caiu aos pés de Jaime quando o viu, soluçando e agarrando-se-lhe à perna com uma força histérica até que o Varrão Forte a obrigou a soltá-la.

— Ninguém te fará mal agora — disse-lhe, mas isso só a fez soluçar mais alto.

Os outros cativos tinham sido melhor tratados. Sor Wylis Manderly estava entre eles, com vários outros nortenhos de elevado nascimento, tomados prisioneiros pela Montanha Que Cavalga no combate nos vaus do Tridente. Reféns úteis, todos eles valiam um resgate considerável. Estavam todos esfarrapados, imundos, e desgrenhados, e alguns tinham nódoas negras recentes, dentes partidos, e dedos em falta, mas os seus ferimentos tinham sido lavados e ligados, e nenhum passara fome. Jaime perguntou a si próprio se teriam alguma noção do que tinham andado a comer, e decidiu que era melhor não perguntar.

Em nenhum restava qualquer desafio; especialmente em Sor Wylis, uma banheira de sebo de cara peluda com olhos mortiços e bochechas pálidas e descaídas. Quando Jaime lhe disse que seria escoltado até Lagoa da Donzela e aí posto num navio com destino a Porto Branco, Sor Wylis transformou-se numa poça no chão e soluçou durante mais tempo e mais ruidosamente do que a Pia. Foram necessários quatro homens para o voltar a pôr em pé. *Demasiado bode assado*, reflectiu Jaime. *Deuses, como odeio este maldito castelo*. Harrenhal vira mais horrores nos seus trezentos anos do que o Rochedo Casterly testemunhara em três mil.

Jaime ordenou que fossem acesos fogos no Salão das Cem Lareiras e enviou o cozinheiro a coxear até às cozinhas para preparar uma refeição quente para os homens da sua coluna.

— Qualquer coisa menos bode.

Quanto a ele, jantou no Salão do Caçador com Sor Bonifer Hasty, uma solene cegonha dada a salgar o discurso com apelos aos Sete.

— Não quero nenhum dos seguidores de Sor Gregor — declarou enquanto cortava uma pêra tão seca como ele por forma a assegurar-se de que o sumo inexistente do fruto não iria manchar o seu imaculado gibão

púrpura, decorado com a banda branca cotisada da sua Casa. — Não terei tais pecadores ao meu serviço.

— O meu septão costumava dizer que todos os homens eram pecadores.

— Não se enganava — concedeu Sor Bonifer — mas alguns pecados são mais negros do que outros, e mais nauseabundos às narinas dos Sete.

E tu não tens mais nariz do que o meu pequeno irmão, caso contrário os meus pecados far-te-iam engasgar com essa pêra.

— Muito bem. Tirarei o bando de Gregor das vossas mãos. — Podia sempre dar uso a combatentes. Mais que não fosse, podia mandá-los subir primeiro as escadas, caso tivesse necessidade de assaltar as muralhas de Correrrio.

— Levai também a rameira — pediu Sor Bonifer. — Sabeis qual é. A rapariga das masmorras.

— Pia. — Da última vez que estivera ali, Qyburn mandara a rapariga à sua cama, julgando que isso lhe agradaria. Mas a Pia que tinham trazido das masmorras era uma criatura diferente da doce, simples e risonha criatura que se lhe enfiara sob as mantas. Cometera o erro de falar quando Sor Gregor queria silêncio, e a Montanha fizera-lhe os dentes em lascas com um punho coberto de cota de malha e quebrara-lhe também o belo narizinho. Teria feito pior, sem dúvida, se Cersei não o tivesse chamado a Porto Real para enfrentar a lança da Víbora Vermelha. Jaime não faria luto por ele. — Pia nasceu neste castelo — disse a Sor Bonifer. — É a única casa que ela alguma vez conheceu.

— Ela é uma fonte de corrupção — disse Sor Bonifer. — Não a quero perto dos meus homens, a exhibir as suas... formas.

— Julgo que os seus dias de exibição tenham ficado para trás — disse — mas se ela vos levanta tantas objecções, eu levo-a. — Supunha que podia fazer dela uma lavadeira. Os seus escudeiros não se importavam de lhe montar a tenda, de lhe tratar do cavalo ou de lhe limpar a armadura, mas a tarefa de lhe cuidar da roupa era vista por eles como pouco viril. — Sois capaz de defender Harrenhal apenas com a vossa Santa Centena? — perguntou Jaime. Na verdade deviam chamar-lhes Santos Oitenta e Seis, visto terem perdido catorze homens na Água Negra, mas não havia dúvida de que Sor Bonifer recomporia as fileiras assim que encontrasse recrutas suficientemente pios.

— Não prevejo dificuldades. A Velha iluminar-nos-á o caminho, e o Guerreiro dará força aos nossos braços.

Ou então, o Estranho aparecerá em busca de todo o vosso santo bando. Jaime não tinha a certeza de quem convencera a irmã de que Sor Bonifer devia ser nomeado castelão de Harrenhal, mas a nomeação cheirava a

Orton Merryweather. Julgava lembrar-se vagamente de que Hasty servira em tempos o avô de Merryweather. E o administrador de justiça de cabelo cor de cenoura era mesmo o tipo de pateta simplório capaz de partir do princípio de que alguém chamado “o Bom” era a exacta poção de que as terras fluviais necessitavam para sarar as feridas deixadas por Roose Bolton, Vargo Hoat e Gregor Clegane.

Mas talvez não se engane. Hasty provinha das terras da tempestade, de modo que não tinha nem amigos nem inimigos ao longo do Tridente; não havia contendas de sangue, não havia dívidas a pagar, não havia companheiros a recompensar. Ele era sóbrio, justo e cumpridor, não havia nos Sete Reinos soldados melhor disciplinados do que os seus Santos Oitenta e Seis e davam um belo espectáculo quando faziam os seus grandes castrados cinzentos rodopiar e empinar-se. O Mindinho dissera um dia, em gracejo, que Sor Bonifer devia ter também castrado os cavaleiros, de tal modo imaculada era a sua reputação.

Mesmo assim, Jaime duvidava de quaisquer soldados que fossem mais conhecidos pelos seus lindos cavalos do que pelos inimigos que tivessem morto. *Eles rezam bem, suponho, mas serão capazes de lutar?* Não se tinham desonrado na Água Negra, tanto quanto sabia, mas também não se tinham distinguido. O próprio Sor Bonifer fora um cavaleiro prometedor na juventude, mas algo lhe acontecera, uma derrota, uma desonra ou uma visão próxima da morte, e depois disso decidira que justar era uma vaidade vazia e pusera definitivamente a lança de lado.

Mas Harrenhal tem de ser controlado, e aqui o Baelor Olho-do-Cu é o homem que Cersei escolheu para o controlar.

— Este castelo tem má reputação — preveniu-o — e uma reputação que foi bem merecida. Diz-se que Harren e os filhos ainda vagueiam de noite pelos salões, incendiados. Aqueles que os contemplam rebentam em chamas.

— Não temo sombras, sor. Está escrito na *Estrela de Sete Pontas* que espíritos, criaturas de além-túmulo e mortos-vivos não podem fazer mal a um homem piedoso, desde que ele esteja coberto pela armadura da sua fé.

— Então armai-vos de fé, com certeza, mas usai também um lorigão e placa de aço. Todos os homens que controlam este castelo parecem ter mau fim. A Montanha, o Bode, até o meu pai...

— Se perdoardes a ousadia, eles não eram homens devotos, como nós somos. O Guerreiro protege-nos, e a ajuda está sempre próxima, caso algum terrível inimigo nos ameace. O Mestre Gulian ficará aqui com os seus corvos, o Lorde Lancel está perto, em Darry, com a sua guarnição, e o Lorde Randyll controla Lagoa da Donzela. Juntos, nós os três perseguiremos e destruiremos quaisquer fora-da-lei que percorram esta região.

Depois disso feito, os Sete guiarão o bom povo de volta às suas aldeias, para arar a terra, plantá-la e reconstruir.

Aqueles que o Bode não matou, pelo menos. Jaime enganchou a haste do seu cálice de vinho nos dedos de ouro.

— Se algum dos Bravos Companheiros de Hoat vos cair nas mãos, mandai-me imediatamente dizer. — O Estranho podia ter-se escapulado com o Bode antes de Jaime arranjar oportunidade para tratar dele, mas o gordo Zollo ainda andava por aí, com Shagwell, Rorge, o Fiel Urswyck e os outros.

— Para que possais torturá-los e matá-los?

— Suponho que vós os perdoaríeis, se estivésseis no meu lugar?

— Se se arrependessem sinceramente dos seus pecados... sim, abraçá-los-ia a todos como irmãos e rezaria com eles antes de os mandar para o cepo. Os pecados podem ser perdoados. Os crimes requerem punição. — Hasty fechou as mãos à sua frente fazendo com elas uma espécie de campanário, de um modo que fez com que Jaime se lembrasse desconfortavelmente do pai. — Se for Sandor Clegane que encontrarmos, o que quereis que eu faça?

Reza muito, pensou Jaime, e foge.

— Mandai-o juntar-se ao seu querido irmão, e ficai feliz por os deuses terem feito sete infernos. Só um nunca seria suficiente para conter ambos os Clegane. — Pôs-se desajeitadamente em pé. — Beric Dondarrion é diferente. Se o capturardes, mantende-o preso até ao meu regresso. Vou querer levá-lo para Porto Real com uma corda em volta do pescoço, e ordenar a Sor Ilyn que lhe corte a cabeça onde metade do reino o possa ver.

— E o tal sacerdote de Myr que o acompanha? Diz-se que espalha a sua falsa fé por todo o lado.

— Matai-o, beijai-o ou rezai com ele, como quiserdes.

— Não tenho qualquer desejo de beijar o homem, senhor.

— Não tenho dúvidas de que ele diria o mesmo de vós. — O sorriso de Jaime transformou-se num bocejo. — Perdão. Retirar-me-ei, se não tiverdes objecções.

— Nenhuma, senhor — disse Hasty. Certamente queria rezar.

Jaime queria lutar. Atacou os degraus dois a dois, até onde o ar da noite fosse frio e vivificante. No pátio iluminado por archotes, o Varrão Forte e Sor Flement Brax defrontavam-se enquanto um anel de homens de armas os aclamavam. *Sor Lyle levará a melhor nesta luta*, compreendeu. *Tenho de encontrar Sor Ilyn*. Tinha de novo a comichão nos dedos. Os seus passos afastaram-no do ruído e da luz. Passou por baixo da ponte coberta e atravessou o Pátio das Lâminas antes de se aperceber do local para onde se dirigia.

Ao aproximar-se da arena dos ursos, viu o brilho de uma lanterna e a pálida luz invernal que ela derramava sobre as fileiras de íngremes bancos de pedra. *Alguém chegou antes de mim, segundo parece.* A arena seria um belo local para dançar; talvez Sor Ilyn se lhe tivesse antecipado.

Mas o cavaleiro em pé junto à arena era maior; um homem rude e barbudo com um sobretudo vermelho e branco adornado com grifos. *Connington. Que está ele a fazer aqui?* Lá em baixo, a carcaça do urso ainda jazia na areia, embora só restassem os ossos e a pele esfarrapada, meio enterrados. Jaime sentiu uma pontada de piedade pelo animal. *Pelo menos morreu em batalha.*

— Sor Ronnet — chamou — perdestes-vos? É um grande castelo, bem sei.

O Ronnet Vermelho ergueu a lanterna.

— Quis ver o local onde o urso dançou com a donzela não-muito-bela. — A barba do homem brilhava à luz como se estivesse em fogo. Jaime sentiu o cheiro de vinho no seu hálito. — É verdade que a rapariga dançou nua?

— Nua? Não. — Perguntou a si próprio como teria essa prega sido adicionada à história. — Os Saltimbancos enfiaram-na num vestido de seda cor-de-rosa e meteram-lhe uma espada de torneio na mão. O Bode queria que a sua morte fosse *difertida*. Se assim não fosse...

— ... a visão de Brienne nua poderia ter feito o urso fugir aterrorizado. — Connington soltou uma gargalhada.

Jaime não.

— Falais como se conhecesseis a senhora.

— Estive-lhe prometido.

Aquilo apanhou-o de surpresa. Brienne nunca mencionara um noivado.

— O pai arranhou-lhe uma união...

— Três vezes — disse Connington. — Eu fui o segundo. Ideia do meu pai. Eu tinha ouvido dizer que a rapariga era feia, e foi o que lhe disse, mas ele respondeu que todas as mulheres eram iguais depois de se apagar a vela.

— O vosso pai. — Jaime examinou o sobretudo do Ronnet Vermelho, onde dois grifos se defrontavam num campo de vermelho e branco. Grifos dançantes. — O... irmão do nosso falecido Mão, não era?

— Primo. O Lorde Jon não tinha irmãos.

— Pois não. — Veio-lhe tudo à memória. Jon Connington fora amigo do Príncipe Rhaegar. Quando Merryweather falhara tão tristemente em conter a Rebelião de Robert e não fora possível encontrar o Príncipe Rhaegar, Aerys virara-se para a segunda melhor opção e promovera Connington ao cargo de Mão. Mas o Rei Louco andava sempre a cortar as Mãos.

Cortara o Lorde Jon depois da Batalha dos Sinos, despindo-o de honrarias, terras e riquezas, e expulsando-o mar fora para ir morrer no exílio, onde rapidamente bebera até à morte. Mas o primo, pai do Ronnet Vermelho, juntara-se à rebelião e fora recompensado com o Poleiro do Grifo após o Tridente. Mas só recebera o castelo; Robert ficara com o ouro e outorgara a maior parte das terras dos Connington a apoiantes mais fervorosos.

Sor Ronnet era um cavaleiro com terras, nada mais. Para um homem como ele, a Donzela de Tarth teria sido realmente um belo acepipe.

— Porque foi que não casastes? — perguntou-lhe Jaime.

— Ora, fui a Tarth e vi-a. Era seis anos mais velho do que ela, mas a rapariga conseguia olhar-me nos olhos. Era uma porca vestida de seda, embora a maioria das porcas tenham tetas maiores. Quando tentou falar quase se engasgou com a própria língua. Dei-lhe uma rosa e disse-lhe que isso seria tudo o que teria de mim. — Connington olhou a arena de relance. — O urso era menos peludo do que essa aberração. Eu...

A mão dourada de Jaime atingiu-o na boca com tanta força que o outro cavaleiro caiu aos tropeções pelos degraus abaixo. A lanterna caiu e esmagou-se, e o azeite espalhou-se, ardendo.

— Estáveis a falar de uma senhora de elevado nascimento, sor. Chamai-lhe pelo nome. Chamai-lhe Brienne.

Connington afastou-se das chamas que se espalhavam, apoiado nas mãos e nos joelhos.

— Brienne. Se aprouver ao senhor. — Cuspiu um escarro de sangue aos pés de Jaime. — Brienne, a Bela.

CERSEI

Foi uma lenta subida até ao topo da Colina de Visenya. Enquanto os cavalos se esforçavam a subir, a rainha recostou-se numa fofa almofada vermelha. De fora vinha a voz de Sor Osmund Kettleblack.

— Abram alas. Desimpedi a rua. Abram alas para Sua Graça, a rainha.

— Margaery *realmente* mantém uma corte animada — estava a Senhora Merryweather a dizer. — Temos malabaristas, saltimbancos, poetas, fantoches...

— Cantores? — sugeriu Cersei.

— Mais do que muitos, Vossa Graça. Hamish, o Harpista, toca para ela uma vez por quinzena, e por vezes Alaric de Eysen entretém-nos durante uma noite, mas o seu favorito é o Bardo Azul.

Cersei recordava-se de ver o bardo no casamento de Tommen. *Jovem, e bonito ao olhar. Poderá haver aí alguma coisa?*

— Ouvi dizer que também há outros homens. Cavaleiros e cortesãos. Admiradores. Dizei-me a verdade, senhora. Achais que Margaery ainda é donzela?

— Ela diz que é, Vossa Graça.

— Realmente diz. E vós, dizeis o quê?

Os olhos negros de Taena cintilaram de travessura.

— Quando se casou com o Lorde Renly em Jardim de Cima, eu ajudei a despi-lo. Sua senhoria era um homem bem feito e robusto. Vi a prova quando o atirámos para a cama de núpcias onde a sua noiva aguardava nua como no dia do seu nome, com um lindo rubor por baixo da colcha. Sor Loras tinha-a trazido em pessoa pelos degraus acima. Margaery pode dizer que o casamento nunca foi consumado, que o Lorde Renly bebera demasiado vinho no banquete de casamento, mas garanto-vos que aquilo que tinha entre as pernas estava tudo menos cansado da última vez que o vi.

— Tereis por acaso visto a cama nupcial na manhã seguinte? — perguntou Cersei. — Ela sangrou?

— Não foi exibido qualquer lençol, Vossa Graça.

É pena. Apesar de tudo, a ausência de um lençol ensanguentado, em si mesma, pouco queria dizer. Tinha-lhe constado que as camponesas comuns sangravam como porcos nas suas noites de núpcias, mas isso era menos verdadeiro relativamente a donzelas de elevado nascimento como

Margaery Tyrell. Dizia-se que era mais provável que a filha de um lorde entregasse a virgindade a um cavalo do que a um marido, e Margaery montava desde que tivera idade para andar.

— Consta-me que a pequena rainha tem muitos admiradores entre os nossos cavaleiros domésticos. Os gémeos Redwyne, Sor Tallad... dizei-me, quem mais?

A Senhora Merryweather encolheu os ombros.

— Sor Lambert, o tolo que esconde um olho bom atrás de uma pala. Bayard Norcross. Courtenay Greenhill. Os irmãos Woodwright, por vezes Portifer e muitas vezes Lucantine. Oh, e o Grande Mestre Pycelle é um visitante frequente.

— Pycelle? Deveras? — Teria aquele trémulo e velho verme abandonado o leão em favor da rosa? *Se assim for, irá arrepender-se.* — Quem mais?

— O ilhéu do Verão com o seu manto de penas. Como pude esquecer-me dele, com a sua pele negra como tinta? Outros vêm cortejar as primas. Elinor está prometida ao rapaz Ambrose, mas adora namoriscar, e Megga tem um novo pretendente todas as quinzenas. Uma vez beijou um latrineiro na cozinha. Ouvi falar acerca de um casamento dela com o irmão da Senhora Bulwer, mas estou certa de que se Megga pudesse escolher, preferiria Mark Mullendore.

Cersei soltou uma gargalhada.

— O cavaleiro das borboletas que perdeu o braço na Água Negra? De que serve metade de um homem?

— Megga acha-o querido. Pediu à Senhora Margaery para a ajudar a encontrar um macaco para ele.

— Um macaco. — A rainha não soube o que dizer a respeito daquilo. *Pardais e macacos. É verdade, o reino está a enlouquecer.* — E o nosso valente Sor Loras? Com que frequência visita ele a irmã?

— Mais do que qualquer dos outros. — Quando Taena franzia o sobrolho, aparecia uma minúscula ruga entre os seus olhos escuros. — Visita-a todas as manhãs e todas as noites, a menos que os seus deveres interfiram. O irmão é-lhe devotado, partilham tudo com... oh... — Por um momento, a mulher de Myr pareceu quase chocada. Então um sorriso espalhou-se-lhe pelo rosto. — Tive a mais perversa das ideias, Vossa Graça.

— É melhor guardá-la para vós. A colina está repleta de pardais, e todos sabemos como os pardais abominam a perversidade.

— Ouvi dizer que também abominam o sabão e a água, Vossa Graça.

— Talvez demasiadas rezas roubem a um homem o sentido do cheiro. Não me esquecerei de perguntar se assim é a Sua Alta Santidade.

As cortinas oscilavam de um lado para o outro numa onda de seda carmesim.

— Orton disse-me que o Alto Septão não tem nome — disse a Senhora Taena. — Poderá ser verdade? Em Myr todos temos nomes.

— Oh, ele teve um nome *um dia*. Todos tiveram. — A rainha fez um gesto de indiferença com a mão. — Até septões nascidos de sangue nobre respondem apenas pelos seus nomes próprios depois de tomarem votos. Quando um deles é elevado a *Alto Septão*, põe de lado também esse nome. A Fé dir-vos-á que ele já não tem necessidade de um nome de homem, porque se transformou na manifestação dos deuses.

— Como distinguis os Altos Septões uns dos outros?

— Com dificuldade. Tem de se dizer “o gordo”, ou “aquele que veio antes do gordo”, ou “o velho que morreu durante o sono”. É sempre possível arrancar-lhes os nomes próprios, se se quiser, mas eles melindram-se se os usarmos. Faz-lhes lembrar que um dia nasceram como homens comuns, e não gostam disso.

— O senhor meu esposo disse-me que este novo nasceu com porcaria debaixo das unhas.

— Suspeito que sim. Como regra, os Mais Devotos elevam um dos seus, mas houve exceções. — O Grande Mestre Pycelle informara-a da história, com um detalhe entediante. — Durante o reinado do Rei Baelor, o Abençoado, um simples pedreiro foi escolhido como Alto Septão. O homem trabalhava a pedra de forma tão bela que Baelor decidiu que era o Ferreiro renascido em carne mortal. Não sabia ler nem escrever, nem era capaz de se recordar das palavras da mais simples das preces. — Ainda havia quem afirmasse que o Mão de Baelor mandara envenenar o homem para poupar embaraços ao reino. — Depois desse morrer, foi elevado um rapaz de oito anos, de novo por insistência do Rei Baelor. Sua Graça declarou que o rapaz operava milagres, embora nem mesmo as suas pequenas mãos curandeiras tivessem salvo Baelor durante o seu último jejum.

A Senhora Merryweather soltou uma gargalhada.

— Oito anos? Talvez o meu filho possa ser Alto Septão. Tem quase sete.

— Ele reza muito? — perguntou a rainha.

— Prefere brincar com espadas.

— Então é um rapaz a sério. É capaz de dizer o nome de todos os sete deuses?

— Julgo que sim.

— Terei de levá-lo em consideração. — Cersei não duvidava de que havia uma grande quantidade de rapazes que honrariam mais a coroa de cristal do que o desgraçado a quem os Mais Devotos haviam decidido outorgá-la. *Isto é o que acontece quando se deixa que idiotas e cobardes se governem a si próprios. Da próxima vez, eu escolher-lhes-ei o seu chefe. E*

a próxima vez podia não demorar muito a chegar, se o novo Alto Septão continuasse a aborrecê-la. A Mão de Baelor tinha pouco a ensinar a Cersei Lannister em assuntos como esse.

— *Desobstruí o caminho!* — estava Sor Osmund Kettleblack a gritar.
— *Abram alas para a Graça da Rainha!*

A liteira começou a abrandar, o que só podia querer dizer que estavam perto do topo da colina.

— Devíeis trazer esse vosso filho para a corte — disse Cersei à Senhora Merryweather. — Seis anos não é novo demais. Tommen precisa de outros rapazes à sua volta. Porque não o vosso filho? — Joffrey nunca tivera um amigo íntimo da sua idade, que se lembrasse. *O pobre rapaz sempre esteve só. Eu tinha Jaime quando era criança... e Melara, até ela cair ao poço.* Joff gostara do Cão de Caça, certamente, mas isso não era amizade. Procurava o pai que nunca encontrara em Robert. *Um irmãozinho adotivo pode ser precisamente aquilo de que Tommen precisa para o afastar de Margaery e das suas galinhas.* A seu tempo podiam tornar-se tão chegados como Robert e o seu amigo de infância, Ned Stark. *Um tolo, mas um tolo leal. Tommen precisará de amigos leais que lhe vigiem a retaguarda.*

— Vossa Graça é bondosa, mas Russell nunca conheceu outro lar além de Mesalonga. Temo que se sentiria perdido nesta grande cidade.

— A princípio, sim — concedeu a rainha — mas em breve ultrapassaria isso, tal como eu ultrapassei. Quando o meu pai mandou trazer-me para a corte chorei e Jaime enfureceu-se, até que a minha tia se sentou comigo no Jardim de Pedra e me disse que não havia ninguém em Porto Real que eu devesse temer. “És uma leoa”, disse, “e cabe a todas as feras menores temer-te a ti”. O vosso filho também encontrará a sua coragem. Decerto que preferiríeis tê-lo por perto, onde pudésseis vê-lo todos os dias. É o vosso único filho, não é?

— Por agora. O senhor meu esposo pediu aos deuses para nos abençoarem com outro, para o caso de...

— Eu sei. — Pensou em Joffrey, arranhando o pescoço. Nos seus últimos momentos olhara-a num apelo desesperado, e uma súbita recordação parara-lhe o coração; uma gota de sangue rubro a silvar na chama de uma vela, uma voz coaxante que falava de coroas e mortalhas, de morte às mãos do *valonqar*.

Fora da liteira, Sor Osmund estava a gritar qualquer coisa, e alguém gritava-lhe em resposta. A liteira parou com um solavanco.

— Estais todos mortos? — rugiu o Kettleblack. — *Saí da porcaria do caminho!*

A rainha puxou para trás um canto da cortina e chamou Sor Meryn Trant com um gesto.

— O que é que se passa?

— São os pardais, Vossa Graça. — Sor Meryn usava armadura de escamas brancas por baixo do manto. O seu elmo e escudo estavam pendurados da sela. — Acampados na rua. Fá-los-emos mexer-se.

— Fazei-o, mas com gentileza. Não quero ser apanhada noutro tumulto. — Cersei deixou a cortina cair. — Isto é absurdo.

— Pois é, Vossa Graça — concordou a Senhora Merryweather. — O Alto Septão devia ter vindo ter convosco. E estes deploráveis pardais...

— Ele alimenta-os, acarinha-os, *abençoa-os*. E no entanto não quer abençoar o rei. — Sabia que a bênção era um ritual vazio, mas os rituais e as cerimónias tinham poder aos olhos dos ignorantes. O próprio Aegon, o Conquistador, determinara que o início do seu reinado se dera no dia em que o Alto Septão o ungira em Vilavelha. — Este miserável sacerdote irá obedecer, caso contrário ficará a saber quão fraco e humano ainda é.

— Orton diz que o que ele realmente quer é ouro. Que pretende reter a bênção até que a coroa reate os pagamentos.

— A Fé terá o seu ouro assim que tenhamos paz. — O Septão Torbert e o Septão Raynard tinham-se mostrado muito compreensivos relativamente à sua promessa... ao contrário dos malditos bravosianos que haviam perseguido o pobre Lorde Gyles tão desapiedadamente que ele caíra de cama, tossindo sangue. *Tínhamos de ter aqueles navios*. Não podia depender da Árvore para a marinha; os Redwyne eram demasiado próximos dos Tyrell. Precisava das suas próprias forças no mar.

Os dromones que se erguiam no rio iriam dar-lhas. O navio-almirante teria duas vezes mais remos do que o *Martelo do Rei Robert*. Aurane pedira-lhe autorização para lhe chamar *Lorde Tywin*, a qual Cersei ficara feliz por conceder. Esperava com antecipação ouvir os homens falar do casco e remos do pai. Outro dos navios chamar-se-ia *Doce Cersei*, e teria uma figura de proa dourada, esculpida à sua semelhança, vestida de cota de malha, com um elmo de leão e uma lança na mão. *Valente Joffrey*, *Senhora Joanna* e *Leoa* segui-la-iam para o mar, em conjunto com *Rainha Margaery*, *Rosa Dourada*, *Lorde Renly*, *Senhora Olenna* e *Princesa Myrcella*. A rainha cometera o erro de dizer a Tommen que podia baptizar os últimos cinco. Ele chegara a escolher *Rapaz Lua* para um deles. Só quando o Lorde Aurane sugerira que os homens talvez não quisessem servir num navio baptizado em honra de um bobo é que o rapaz concordara relutantemente em honrar a irmã.

— Se este septão esfarrapado planeia obrigar-me a *comprar* a bênção de Tommen, em breve aprenderá umas coisas — disse a Taena. A rainha não tencionava submeter-se a uma matilha de sacerdotes.

A liteira voltou a parar, tão subitamente que Cersei se sobressaltou.

— Oh, isto é de enfurecer. — Voltou a debruçar-se para fora, e viu que tinham chegado ao topo da Colina de Visenya. Em frente erguia-se o Grande Septo de Baelor, com a sua magnífica cúpula e sete torres brilhantes, mas entre si e os degraus de mármore, estendia-se um soturno mar de humanidade, castanho, esfarrapado e sujo. *Pardais*, pensou, fungando, embora nenhum pardal tivesse tido algum dia cheiro tão fétido.

Cersei ficou espantada. Qyburn trouxera-lhe relatórios acerca da quantidade de pardais, mas ouvir falar dos números era uma coisa e vê-los outra. Centenas estavam acampadas na praça, mais centenas nos jardins. As suas fogueiras enchiam o ar de fumo e maus cheiros. Tendas de ráfia e cabanas miseráveis feitas de lama e bocados de madeira sujavam o imaculado mármore branco. Estavam até aninhados nos degraus, sob as altas portas do Grande Septo.

Sor Osmund regressou a trote para junto dela. A seu lado seguia Sor Osfryd, montado num garanhão tão dourado como o seu manto. Osfryd era o Kettleblack do meio, mais calado do que os irmãos, mais inclinado a franzir o sobrolho do que a sorrir. *E também mais cruel, se as histórias forem verdadeiras. Talvez devesse tê-lo enviado para a Muralha.*

O Grande Mestre Pycelle quisera um homem mais velho, “mais experiente nos usos da guerra”, para comandar os homens de mantos dourados, e vários dos outros conselheiros tinham concordado com ele.

— Sor Osfryd tem suficiente experiência — dissera-lhes, mas nem mesmo isso os calara. *Ladram-me como uma matilha de cãesinhos irritantes.* Já praticamente esgotara a paciência com Pycelle. O homem até tivera a temeridade de levantar objecções quando falara em mandar buscar um mestre-de-armas a Dorne, com o argumento de que isso poderia ofender os Tyrell. — Porque julgais que eu o estou a *fazer*? — perguntara-lhe desdenhosamente.

— Perdão, Vossa Graça — disse Sor Osmund. — O meu irmão chamou mais homens de mantos dourados. Abriremos uma passagem, não temais.

— Não tenho tempo. Prosseguirei a pé.

— Por favor, Vossa Graça. — Taena pegou-lhe no braço. — Eles assustam-me. São centenas, e tão sujos.

Cersei beijou-lhe o rosto.

— O leão não teme o pardal... mas é bom que vos preocupeis. Eu sei que gostais bastante de mim, senhora. Sor Osmund, tende a bondade de me ajudar a descer.

Se soubesse que ia ter de caminhar, ter-me-ia vestido a preceito. Trazia um vestido branco fendido com pano de ouro, rendado mas recatado. Tinham-se passado vários anos desde a última vez que o envergara, e a rainha

achava-o desconfortavelmente apertado na cintura.

— Sor Osmund, Sor Meryn, acompanhar-me-eis. Sor Osfryd, assegurai-vos de que nada de mal aconteça à minha liteira. — Alguns dos pardais pareciam suficientemente descarnados e de olhos vazios para lhe comer os cavalos.

Enquanto abria caminho através da multidão esfarrapada, passando pelas suas fogueiras, carroças e rudes abrigos, a rainha deu por si a recordar outra multidão que um dia se reunira naquela praça. No dia em que casara com Robert Baratheon, milhares tinham aparecido para os aclamar. Todas as mulheres usavam as suas melhores roupas, e metade dos homens tinham crianças aos ombros. Quando emergira de dentro do septo, de mão dada com o jovem rei, a multidão soltara um rugido tão ruidoso que poderia ter sido ouvido em Lannisporto.

— Eles gostam bastante de vós, senhora — murmurara-lhe Robert ao ouvido. — Vede, todos os rostos estão a sorrir. — Durante aquele curto momento, fora feliz no casamento... até calhar deitar um relance a Jaime. *Não, lembrava-se de ter pensado, não são todos os rostos, senhor.*

Ninguém estava agora a sorrir. Os olhares que os pardais lhe deitavam eram mortiços, carrancudos, hostis. Abriam caminho, mas com relutância. *Se fossem mesmo pardais, um grito tê-los-ia posto a voar. Uma centena de homens de mantos dourados com bordões, espadas e maçãs limparia esta gentilha bem depressa.* Seria isso que o Lorde Tywin teria feito. *Ele teria cavalgado por cima deles, em vez de caminhar através da população.*

Quando viu o que tinham feito a Baelor, o Adorado, a rainha teve motivos para se arrepender do seu coração suave. A grande estátua de mármore, que levava cem anos a sorrir serenamente sobre a praça, estava enterrada até à cintura numa pilha de ossos e crânios. Alguns dos crânios mostravam bocados de carne ainda agarrada. Um corvo encontrava-se pousado em num desses crânios, desfrutando de um banquete seco e com uma consistência de couro. Havia moscas por todo o lado.

— Que significa isto? — perguntou Cersei à multidão. — Pretendeis enterrar o Abençoado Baelor numa montanha de carniça?

Um homem pernetia deu um passo em frente, apoiado numa muleta de madeira.

— Vossa Graça, esses são os ossos de homens e mulheres santos, assassinados devido à sua fé. Septões, septãs, irmãos castanhos, pardos e verdes, irmãs brancas, azuis e cinzentas. Alguns foram enforcados, outros esventrados. Septos foram pilhados, donzelas e mães violadas por homens ímpios e adoradores de demónios. Até irmãs silenciosas foram molestadas. A Mãe no Céu chora em angústia. Trouxemos os seus ossos de todo o reino até aqui, para servir de testemunho à agonia da Santa Fé.

Cersei sentia o peso dos olhos em cima de si.

— O rei saberá dessas atrocidades — respondeu solenemente. — Tommen partilhará da vossa indignação. Isto é obra de Stannis e da sua bruxa vermelha, e dos nortenhos selvagens que adoram árvores e lobos. — Ergueu a voz. — *Bom povo, os vossos mortos serão vingados!*

Alguns aclamaram, mas só alguns.

— Não pedimos vingança pelos nossos mortos — disse o perneta — apenas protecção para os vivos. Para os septos e lugares santos.

— O Trono de Ferro tem de defender a Fé — resmungou um corpulento labrego com uma estrela de sete pontas pintada na testa. — Um rei que não protege o seu povo não é rei nenhum. — Murmúrios de assentimento ergueram-se daqueles que o rodeavam. Um homem teve a temeridade de agarrar no pulso de Sor Meryn e dizer:

— É tempo de todos os cavaleiros ungidos renunciarem aos seus senhores terrenos e defenderem a nossa Santa Fé. Juntai-vos a nós, sor, se amais os Sete.

— Tirai as mãos de cima de mim — disse Sor Meryn, libertando-se com uma sacudidela.

— Estou a ouvir-vos — disse Cersei. — O meu filho é jovem, mas ama bastante os Sete. Tereis a sua protecção e a minha.

O homem com a estrela na testa não se mostrou aplacado.

— O Guerreiro defender-nos-á — disse — não esse rapaz-rei gordo.

Meryn Trant estendeu a mão para a espada, mas Cersei parou-o antes que a desembainhasse. Tinha apenas dois cavaleiros no meio de um mar de pardais. Via bordões e gadanhas, clavas e mocas, vários machados.

— Não quero sangue derramado neste lugar sagrado, sor. — *Porque serão todos os homens umas crianças tão grandes? Abate-o, e os outros irão desfazer-nos membro a membro.* — Somos todos filhos da Mãe. Vinde, Sua Alta Santidade espera-nos. — Mas ao abrir caminho na direcção dos degraus do septo, um bando de homens armados saiu e bloqueou as portas. Usavam cota de malha e couro fervido, com um bocado de placa amolgada de aço aqui e ali. Alguns traziam lanças e outros espadas. Eram mais os que preferiam os machados, e tinham estrelas vermelhas cosidas nos seus sobretudos branqueados. Dois deles tiveram a insolência de cruzar as lanças e barrar-lhe a passagem.

— É assim que recebeis a vossa rainha? — perguntou-lhes. — Dizei-me, onde estão Raynard e Torbert? — Não era hábito desses dois perderem uma oportunidade para a adular. Torbert fazia sempre alarde de se pôr de joelhos para lhe lavar os pés.

— Não conheço os homens de que falais — disse um dos homens com uma estrela vermelha no sobretudo — mas se pertencerem à Fé, sem

dúvida que os Sete tiveram necessidade dos seus serviços.

— O Septão Raynard e o Septão Torbert pertencem aos *Mais Devotos* — disse Cersei — e ficarão furiosos quando souberem que me obstruístes a passagem. Pretendeis negar-me a entrada no septo sagrado de Baelor?

— Vossa Graça — disse um homem de barba grisalha com um ombro curvado. — Vós sois bem-vinda aqui, mas os vossos homens deverão deixar ficar os cintos das espadas. Não são permitidas armas lá dentro, por ordens do Alto Septão.

— Cavaleiros da Guarda Real não põem de lado as suas espadas, nem mesmo na presença do rei.

— Na casa do rei, deverá reinar a palavra do rei — respondeu o cavaleiro idoso — mas esta é a casa dos deuses.

A cor subiu-lhe ao rosto. Bastaria dizer uma palavra a Meryn Trant e aquele grisalho de costas arqueadas iria encontrar-se com os seus deuses mais cedo do que talvez preferisse. *Mas aqui não. Agora não.*

— Esperai por mim — disse secamente à Guarda Real. Sozinha, subiu os degraus. Os lanceiros descruzaram as lanças. Outros dois homens encostaram o seu peso às portas, e elas afastaram-se com um grande rangido.

No Salão das Lâmpadas, Cersei foi encontrar uma vintena de septões de joelhos, mas não em oração. Tinham baldes de água e sabão, e estavam a esfregar o chão. As suas vestes de tecido grosseiro e sandálias levaram Cersei a tomá-los por pardais, até que um deles ergueu a cabeça. Tinha a cara vermelha como uma beterraba, e bolhas rebentadas sangravam nas suas mãos.

— Vossa Graça.

— Septão Raynard? — A rainha quase não conseguia crer no que estava a ver. — O que fazeis de joelhos?

— Está a limpar o chão. — O homem que falou era vários centímetros mais baixo do que a rainha e magro como um pau de vassoura. — O trabalho é uma forma de prece, muito do agrado do Ferreiro. — O homem pôs-se em pé, de escova na mão. — Vossa Graça. Temos estado à vossa espera.

A barba do homem era grisalha e castanha e cortada curta, o cabelo atado num nó apertado por trás da cabeça. Embora as vestes que envergava estivessem limpas, estavam também puídas e remendadas. Enrolara as mangas até aos cotovelos enquanto esfregara o chão, mas abaixo dos joelhos o pano estava encharcado em água. A cara era fortemente pontiaguda, com olhos encovados de um castanho de lama. *Os pés dele estão nus*, viu Cersei, consternada. E também eram hediondos, umas coisas duras e coriáceas, tornadas grossas por calos.

— Sois vós a Sua Alta Santidade?

— Somos.

Pai, dai-me forças. A rainha sabia que devia ajoelhar, mas o chão estava molhado com sabão e água suja, e ela não desejava estragar o vestido. Deitou um relance aos velhos de joelhos.

— Não vejo o meu amigo, o Septão Torbert.

— O Septão Torbert foi confinado a uma cela de penitente, a pão e água. É um pecado que um homem seja tão gordo quando metade do reino passa fome.

Cersei já aguentara o suficiente por um dia. Deixou-o ver a sua ira.

— É assim que me cumprimentais? Com uma escova na mão, a pingar água? Sabeis quem eu sou?

— Vossa Graça é a Rainha Regente dos Sete Reinos — disse o homem — mas na *Estrela de Sete Pontas* está escrito que tal como os homens se do-
bram perante os seus senhores e os senhores perante os seus reis, assim os reis e as rainhas devem dobrar-se perante os Sete Que São Um Só.

Estará ele a dizer-me para ajoelhar? Se assim fosse, não a conhecia muito bem.

— O certo seria que tivésseis ido cumprimentar-me na escada, com as vossas melhores vestes e a coroa de cristal na cabeça.

— Não temos qualquer coroa, Vossa Graça.

O seu sobrolho franziu-se mais.

— O senhor meu pai deu ao vosso antecessor uma coroa de rara beleza, trabalhada em cristal e ouro tecido.

— E por essa dádiva honramo-lo nas nossas preces — disse o Alto Septão — mas os pobres precisam mais de comida na barriga do que nós precisamos de ouro e cristal na cabeça. Essa coroa foi vendida. O mesmo aconteceu às outras que tínhamos nas caves, bem como a todos os nossos anéis e vestes de pano de ouro e prata. A lã manterá os homens igualmente quentes. Foi para isso que os Sete nos deram as ovelhas.

Ele é completamente louco. Os Mais Devotos deviam estar também loucos, para elegerem aquela criatura... loucos ou aterrorizados pelos pedintes que lhes batiam à porta. Os informadores de Qyburn diziam que o Septão Luceon estava a nove votos da eleição quando aquelas portas tinham cedido, e uma torrente de pardais entrara no Grande Septo, com o seu líder aos ombros e machados nas mãos.

Fitou o homenzinho com um olhar gelado.

— Há algum lugar onde possamos falar com mais privacidade, Vossa Santidade?

O Alto Septão entregou a escova a um dos Mais Devotos.

— Se Vossa Graça nos quiser seguir...

Levou-a através das portas interiores, entrando no septo propria-

mente dito. Os passos de ambos ecoaram no chão de mármore. Partículas de pó dançavam nos feixes de luz colorida que entravam em diagonal pelos vitrais da grande cúpula. Incenso adoçava o ar, e ao lado dos sete altares brilhavam velas como se fossem estrelas. Um milhar tremeluzia para a Mãe e quase outras tantas para a Donzela, mas era possível contar as velas do Estranho com duas mãos e ainda se ficaria com dedos por usar.

Até aquele local os pardais tinham invadido. Uma dúzia de cavaleiros andantes mal vestidos estava ajoelhada perante o Guerreiro, suplicando-lhe que abençoasse as espadas que tinham empilhado aos seus pés. No altar da Mãe, um septão liderava as preces de uma centena de pardais, com vozes tão distantes como ondas a bater na costa. O Alto Septão levou Cersei até onde a Velha erguia a sua lanterna. Quando ajoelhou perante o altar, ela não teve outra hipótese que não fosse ajoelhar a seu lado. Misericordiosamente, aquele Alto Septão não era tão prolixo como o gordo fora. *Suponho que deva sentir-me grata por isso.*

Sua Alta Santidade não fez qualquer movimento para se erguer quando terminou a prece. Parecia que teriam de conferenciar de joelhos. *Um estratagema de homem pequeno*, pensou, divertida.

— Alta Santidade — disse — estes pardais estão a assustar a cidade. Quero que se vão embora.

— Para onde hão-de ir, Vossa Graça?

Há sete infernos, qualquer um servirá.

— Para o lugar de onde vieram, imagino.

— Eles vieram de todo o lado. Tal como o pardal é o mais humilde e comum dos pássaros, eles são os mais humildes e comuns dos homens.

Eles são comuns, pelo menos nisso concordamos.

— Vistes o que fizeram à estátua do Abençoado Baelor? Eles conspurcam a praça com os seus porcos, cabras e dejectos nocturnos.

— É mais fácil lavar dejectos nocturnos do que sangue, Vossa Graça. Se a praça foi conspurcada, foi-o pela execução que aqui aconteceu.

Ele atreve-se a atirar-me Ned Stark à cara?

— Todos a lamentamos. Joffrey era jovem, e não tão sensato como poderia ser. O Lorde Stark devia ter sido decapitado noutra lugar, por respeito ao Abençoado Baelor... mas o homem *era* um traidor, que não o esqueçamos.

— O Rei Baelor perdoou aqueles que conspiraram contra si.

O Rei Baelor aprisionou as suas próprias irmãs, cujo único crime era serem belas. Da primeira vez que Cersei ouvira contar essa história, dirigira-se ao berçário de Tyrion e beliscara o monstinho até o pôr a chorar. *Devia ter-lhe apertado o nariz e enfiado uma meia na sua boca.* Forçou-se a sorrir.

— O Rei Tommen também perdoará aos pardais, depois de eles re-

gressarem a suas casas.

— A maior parte deles perdeu a casa. Há sofrimento por todo o lado... e luto, e morte. Antes de vir para Porto Real, cuidava de meia centena de aldeolas, demasiado pequenas para terem o seu próprio septo. Caminhava de uma aldeia até à seguinte, celebrando casamentos, absolvendo pecadores dos seus pecados, baptizando crianças recém-nascidas. Essas aldeias já não existem, Vossa Graça. Ervas daninhas e espinheiros crescem onde os jardins em tempos floriram, e ossos juncam as bermas das estradas.

— A guerra é uma coisa terrível. Essas atrocidades são obra dos nortenhos, e de Lorde Stannis e seus adoradores de demónios.

— Alguns dos meus pardais falam de bandos de leões que os espoliaram... e do Cão de Caça, que era um homem ajuramentado a vós. Em Salinas matou um septão idoso e atacou uma rapariga de doze anos, uma criança inocente prometida à Fé. Usou a armadura enquanto a violava, e a terna carne da menina foi rasgada e esmagada pelo ferro da cota de malha. Quando acabou, deu-a aos seus homens, que lhe cortaram o nariz e os mamilos.

— Sua Graça não pode ser responsabilizada pelos crimes de todos os homens que um dia serviram a Casa Lannister. Sandor Clegane é um traidor e um bruto. Porque julgais vós que o demiti do meu serviço? Ele agora luta pelo fora-da-lei Beric Dondarrion, não pelo Rei Tommen.

— Será como dizeis. E no entanto há que perguntar o seguinte: por onde andavam os cavaleiros do rei quando estas coisas estavam a acontecer? Não é verdade que Jaehaerys, o Conciliador, um dia jurou pelo próprio Trono de Ferro que a coroa protegeria e defenderia sempre a Fé?

Cersei não fazia ideia do que Jaehaerys, o Conciliador, poderia ter jurado.

— É verdade — concordou — e o Alto Septão abençoou-o e ungiu-o como rei. É tradicional que cada novo Alto Septão dê ao rei a sua bênção... e no entanto vós haveis-vos recusado aabençoar o Rei Tommen.

— Vossa Graça está enganada. Nós não nos recusámos.

— Não viestes.

— A hora ainda não está madura.

És um sacerdote, ou um vendedor de hortaliças?

— E o que poderei eu fazer para a tornar... mais madura? — *Se ele se atrever a mencionar ouro, lidarei com este como lidei com o último, e encontrarei um piedoso miúdo de oito anos para usar a coroa de cristal.*

— O reino está cheio de reis. Para que a Fé exalte um acima dos demais temos de ter a certeza. Há trezentos anos, quando Aegon, o Dragão, desembarcou no sopé desta mesma colina, o Alto Septão trancou-se no interior do Septo Estrelado de Vilavelha e rezou durante sete dias e sete

noites, sem ingerir nada além de pão e água. Quando saiu, anunciou que a Fé não se oporia a Aegon e às irmãs, pois a Velha erguera a sua lanterna e mostrara-lhe o caminho em frente. Se Vilavelha pegasse em armas contra o Dragão, Vilavelha arderia, e a Torralta, a Cidadela e o Septo Estrelado seriam derrubados e destruídos. O Lorde Hightower era um homem devoto. Quando ouviu a profecia, manteve as suas forças em casa e abriu os portões da cidade a Aegon quando ele chegou. E Sua Alta Santidade ungiu o Conquistador com os sete óleos. Eu devo fazer o que ele fez, há trezentos anos. Devo rezar e jejuar.

— Durante sete dias e sete noites?

— Durante o tempo que for necessário.

Cersei sentiu vontade de esbofetear a solene e pia cara do homem. *Podia ajudar-te a jejuar, pensou. Podia trancar-te nalguma torre e assegurar-me de que ninguém te traria comida até os deuses falarem.*

— Aqueles falsos reis abraçam falsos deuses — fez-lhe lembrar. — Só o Rei Tommen defende a Santa Fé.

— E no entanto, os septos são queimados e saqueados por toda a parte. Até irmãs silenciosas foram violadas, gritando a sua angústia até ao céu. Vossa Graça viu os ossos e crânios dos nossos santos mortos?

— Vi — teve de dizer. — Dai a Tommen a vossa bênção, e poremos fim a essas afrontas.

— E como fareis tal coisa, Vossa Graça? Enviareis um cavaleiro para percorrer as estradas com cada irmão mendicante? Dar-nos-eis homens para defender as nossas septãs contra os lobos e os leões?

Vou fazer de conta que não falaste de leões.

— O reino está em guerra. Sua Graça tem necessidade de todos os homens. — Cersei não tencionava esbanjar as forças de Tommen para fazer de ama-seca a pardais, ou para proteger as conas enrugadas de um milhar de septãs. *Metade delas estão provavelmente a rezar por uma boa violação.* — Os vossos pardais têm cacetes e machados. Que eles se defendam a si próprios.

— As leis do Rei Maegor proíbem-no, como Vossa Graça deve saber. Foi por decreto seu que a Fé pousou as espadas.

— Agora o rei é Tommen, não Maegor. — Que lhe importava o que Maegor, o Cruel, decretara trezentos anos antes? *Em vez de tirar as espadas das mãos dos fiéis, devia tê-las usado para os seus próprios fins.* Apontou para onde o Guerreiro se erguia por cima do seu altar de mármore vermelho. — O que é que ele tem na mão?

— Uma espada.

— Ele esqueceu-se de como usá-la?

— As leis de Maegor...

— ... podem ser desfeitas. — Deixou aquilo pairar entre ambos, es-

perando que o Alto Septão engolissem o isco.

Ele não a desiludiu.

— A Fé Militante renascida... isso seria a resposta para trezentos anos de preces, Vossa Graça. O Guerreiro voltaria a erguer a sua espada brilhante e limparia este pecaminoso reino de todo o mal. Se Sua Graça me permitisse restaurar as antigas ordens abençoadas da Espada e da Estrela, todos os homens devotos dos Sete Reinos saberiam que ele é o nosso senhor legítimo e verdadeiro.

Aquilo era bom de ouvir, mas Cersei teve o cuidado de não parecer muito ávida.

— Vossa Alta Santidade falou há pouco de perdão. Nestes tempos conturbados, o Rei Tommen ficaria muito grato se pudéssemos arranjar maneira de perdoar a dívida da coroa. Parece-me que devemos à Fé cerca de novecentos mil dragões.

— Novecentos mil, seiscentos e setenta e quatro dragões. Ouro que poderia alimentar os famintos e reconstruir um milhar de septos.

— É ouro o que desejais? — perguntou a rainha. — Ou será que preferis ver aquelas poeirentas leis de Maegor postas de lado?

O Alto Septão reflectiu naquilo por um momento.

— Como quizerdes. Essa dívida será perdoadada, e o Rei Tommen terá a sua bênção. Os Filhos do Guerreiro escoltar-me-ão até ele, brilhando na glória da sua Fé, enquanto os meus pardais partem para defender os dóceis e humildes do mundo, renascidos como Pobres Irmãos, como antigamente.

A rainha pôs-se em pé e alisou as saias.

— Mandarei preparar os papéis, e Sua Graça assiná-los-á e apor-lhes-á o selo real. — Se havia alguma parte de ser rei que Tommen adorava, era brincar com o seu selo.

— Que os Sete protejam Sua Graça. Que tenha um longo reinado. — O Alto Septão fez das mãos um campanário e ergueu os olhos para o céu. — Que os malvados tremam!

Estais a ouvir isto, Lorde Stannis? Cersei não conseguiu impedir-se de sorrir. Nem mesmo o senhor seu pai se poderia ter saído melhor. De um golpe, livrara Porto Real da praga dos pardais, assegurara a bênção de Tommen, e diminuía a dívida da coroa em quase um milhão de dragões. Tinha o coração a pairar bem alto quando permitiu que o Alto Septão a acompanhasse de regresso ao Salão das Lâmpadas.

A Senhora Merryweather partilhou o deleite da rainha, embora nunca tivesse ouvido falar dos Filhos do Guerreiro ou dos Pobres Irmãos.

— Datam de antes da Conquista de Aegon — explicou-lhe Cersei. — Os Filhos do Guerreiro eram uma ordem de cavaleiros que renunciavam às suas terras e ouro e ajuramentavam as espadas a Sua Alta Santidade. Os

Pobres Irmãos... eram mais humildes, apesar de muito mais numerosos. Uma espécie de irmãos mendicantes, embora transportassem machados em vez de tigelas. Vagueavam pelas estradas, escoltando viajantes de septo em septo e de vila em vila. O seu símbolo era a estrela de sete pontas, vermelha sobre branco, de modo que o povo simples lhes chamava Estrelas. Os Filhos do Guerreiro usavam mantos arco-íris e armadura embutida de prata por cima de cilícios, e traziam cristais em forma de estrela nos botões do punho das espadas. Esses eram as Espadas. Homens santos, ascetas, fanáticos, feiticeiros, matadores de dragões, caçadores de demónios... havia muitas histórias acerca deles. Mas todos concordam que eram implacáveis no seu ódio por todos os inimigos da Santa Fé.

A Senhora Merryweather compreendeu de imediato.

— Inimigos tais como o Lorde Stannis e a sua feiticeira vermelha, talvez?

— Ora, sim, por acaso — disse Cersei, rindo-se como uma menina.

— Encetamos um jarro de hipocraz e bebemos ao fervor dos Filhos do Guerreiro no caminho para casa?

— Ao fervor dos Filhos do Guerreiro e ao brilhantismo da Rainha Regente. A Cersei, a Primeira do Seu Nome!

O hipocraz era tão doce e saboroso como o triunfo de Cersei, e a liteira da rainha pareceu quase flutuar enquanto atravessava a cidade de volta à Fortaleza Vermelha. Mas na base da Colina de Aegon, encontraram Margaery Tyrell e as primas, que regressavam de um passeio. *Ela segue-me onde quer que eu vá*, pensou Cersei, aborrecida, quando pôs os olhos na pequena rainha.

Atrás de Margaery vinha uma longa comitiva de cortesãos, guardas e criados, muitos dos quais carregados com cestos de flores frescas. Cada uma das primas trazia um admirador a reboque; o espigado escudeiro Alyn Ambrose acompanhava Elinor, à qual se encontrava prometido, Sor Tallad vinha com a tímida Alla, e Mark Mullendore, com o seu único braço, seguia com Megga, rechonchuda e risonha. Os gémeos Redwyne escoltavam duas das outras damas de Margaery, Meredith Crane e Janna Fossoway. Todas as mulheres traziam flores no cabelo. Jalabhar Xho também se juntara ao grupo, tal como Sor Lambert Turnberry com a sua pala, e o bem-parecido cantor conhecido como Bardo Azul.

E claro que um cavaleiro da Guarda Real tem de acompanhar a pequena rainha, e claro que é o Cavaleiro das Flores. Numa armadura de escamas brancas com embutidos de ouro, Sor Loras resplandecia. Embora já não tomasse a liberdade de treinar Tommen no manejo das armas, o rei ainda passava muito mais tempo do que devia na sua companhia. De todas as vezes que o rapaz regressava de uma tarde passada com a sua pequena esposa, tinha

alguma nova história a contar acerca de algo que Sor Loras dissera ou fizera.

Margaery saudou-os quando as duas colunas se encontraram e pôs-se ao lado da liteira da rainha. Tinha as bochechas rosadas, e os caracóis castanhos caíam-lhe livremente em volta dos ombros, agitados por cada sopro de vento.

— Temos estado a colher flores de Outono na mata do rei — disse-lhes.

Eu sei onde estiveste, pensou a rainha. Os seus informadores eram muito bons em mantê-la ao corrente dos movimentos de Margaery. *É uma rapariga tão irrequieta, a nossa pequena rainha*. Raramente deixava que se passassem mais de dois dias sem que fosse passear a cavalo. Certos dias cavalgava ao longo da estrada de Rosby à caça de conchas e para comer junto ao mar. Outras vezes levava a comitiva para a outra margem do rio, para passar uma tarde a fazer falcoaria. A pequena rainha gostava também de sair de barco, velejando para cima e para baixo ao longo da Torrente da Água Negra sem nenhum objectivo em particular. Quando estava a sentir-se piedosa, deixava o castelo para ir rezar ao Septo de Baelor. Dava freguesia a uma dúzia de costureiras diferentes, era bem conhecida entre os ourives da cidade, e até visitara o mercado de peixe perto do Portão da Lama para dar uma olhadela à captura do dia. Onde quer que fosse, o povo adulava-a, e a Senhora Margaery fazia o que podia para alimentar o seu ardor. Andava sempre a dar esmolas a pedintes, a comprar tartes quentes nas carroças dos pasteleiros, e a refrear o cavalo para falar com mercadores comuns.

Se dependesse dela, teria posto Tommen a fazer também todas essas coisas. Andava eternamente a convidá-lo para a acompanhar e às suas galinhas nas suas aventuras, e o rapaz andava eternamente a suplicar à mãe licença para ir. A rainha dera o seu consentimento algumas vezes, quanto mais não fosse para permitir que Sor Osney passasse mais algumas horas na companhia de Margaery. *E de muito isso serviu. Osney revelou-se um penoso desapontamento*.

— Lembras-te do dia em que a tua irmã zarpou para Dorne? — perguntara Cersei ao filho. — Recordas-te dos uivos da turba quando voltávamos para o castelo? Das pedras, das pragas?

Mas o rei mostrara-se surdo ao bom senso, graças à sua pequena rainha.

— Se nos misturarmos com os plebeus, eles gostarão mais de nós.

— A turba gostou tanto do Alto Septão gordo que o desfez um membro de cada vez, e ele era um homem santo — fizera-lhe lembrar. Tudo o que conseguira fora deixá-lo amuado consigo. *Tal como Margaery quer, apostou. Tenta roubar-mo todos os dias e de todas as maneiras*. Joffrey teria

visto para lá do seu sorriso de intriguista e fá-la-ia ficar consciente do seu lugar, mas Tommen era mais ingênuo. *Ela sabia que Joff era forte demais para si*, pensou Cersei, lembrando-se da moeda de ouro que Qyburn encontrara. *Para a Casa Tyrell ter esperança de governar, ele tinha de ser tirado do caminho*. Recordou-se de que Margaery e a sua hedionda avó tinham em tempos conspirado para casar Sansa Stark com o irmão aleijado da pequena rainha, Willas. O Lorde Tywin antecipara-se-lhes, casando Sansa com Tyrion, mas a ligação estava lá. *Estão todos juntos na intriga*, compreendeu com um sobressalto. *Os Tyrell subornaram os carcereiros para libertar Tyrion, e levaram-no à pressa pela estrada das rosas abaixo para se ir juntar à sua desprezível noiva. Por esta altura estão os dois a salvo em Jardim de Cima, escondidos por trás de uma muralha de rosas*.

— Devíeis ter vindo connosco, Vossa Graça — tagarelou a pequena intriguista enquanto subiam a encosta da Colina de Aegon. — Podíamos ter passado umas horas tão agradáveis juntas. As árvores estão vestidas de dourado, vermelho e laranja, e há flores por todo o lado. E castanhas também. Assámos algumas no caminho de regresso.

— Não tenho tempo para cavalgar pelos bosques e colher flores — disse Cersei. — Tenho um reino a governar.

— Só um, Vossa Graça? Quem governa os outros seis? — Margaery soltou uma alegre gargalhadinha. — Espero que perdoeis o meu gracejo. Eu conheço o fardo que suportais. Devíeis deixar-me partilhar a carga. Deve haver algumas coisas que eu possa fazer para vos ajudar. Acabaria com todo este falatório sobre vós e eu rivalizarmos pelo rei.

— É isso o que se diz? — Cersei sorriu. — Que tontice. Nunca vos olhei como uma rival, nem por um momento.

— Agrada-me tanto ouvir isso. — A rapariga não parecia aperceber-se de que fora golpeada. — Vós e Tommen tendes de vir connosco da próxima vez. Eu sei que Sua Graça adoraria. O Bardo Azul tocou para nós, e Sor Tallad mostrou-nos como lutar com um bastão, como o povo luta. Os bosques são tão lindos no Outono.

— O meu falecido esposo também adorava a floresta. — Nos anos iniciais do seu matrimónio, Robert andava eternamente a implorar para que Cersei fosse à caça com ele, mas ela sempre pedira dispensa. As viagens de caça dele permitiam-lhe passar tempo com Jaime. *Dias de ouro e noites de prata*. A dança que os dois tinham dançado fora decerto perigosa. Dentro da Fortaleza Vermelha havia olhos e ouvidos por todo o lado e nunca se podia ter a certeza de quando Robert regressaria. De algum modo, o perigo só servira para fazer com que o tempo passado juntos fosse ainda mais emocionante. — Mesmo assim, a beleza pode por vezes esconder um perigo mortal — preveniu a pequena rainha. — Robert perdeu a vida na

floresta.

Margaery sorriu a Sor Loras; um sorriso doce e fraternal, cheio de carinho.

— Vossa Graça é gentil por temer por mim, mas o meu irmão mantém-me bem protegida.

Ide caçar, dissera Cersei a Robert meia centena de vezes. *O meu irmão mantém-me bem protegida*. Recordou o que Taena lhe dissera horas antes e uma gargalhada saltou-lhe dos lábios.

— Vossa Graça tem um riso tão lindo. — A Senhora Margaery deitou-lhe um sorriso zombeteiro. — Podemos saber qual é a piada?

— Sabereis — disse a rainha. — Garanto-vos que sabereis.